

ESTAMOS FICANDO PARA TRÁS NA COMPETIÇÃO MUNDIAL DO CAFÉ

Cartel internacional para o domínio do mercado

(De um observador econômico)

O aumento crescente do consumo mundial de café é um fato comprovado estatisticamente, mostrando que os povos de todos os continentes se habituam cada vez mais à deliciosa bebida. Maior produtor de café, o Brasil está, no entanto, vendo diminuir cada ano a participação do seu principal produto nos fornecimentos aos mercados consumidores. Isto significa que outros países vão ganhando terreno no suprimento desses mercados. Para falar claro: estamos perdendo a parada do café no mundo!

Vejam-se as estatísticas referentes ao consumo nos Estados Unidos: o aumento é regular, constante, mas as importações crescentes são as procedentes da África e de países latino-americanos outros; as de café brasileiro diminuem na medida em que aquelas aumentam... O mesmo se passa em relação à Europa, tomada em conjunto. Antes da guerra o café ali consumido procedia: 31% da América Latina, 52% da África, o restante da Ásia e Oceania. Hoje, os países africanos concorrem com 77% e os latino-americanos com 21%. E a queda dos fornecimentos desta última procedência corre por conta quase exclusiva do Brasil.

CASO TÍPICO: ITÁLIA

Neste particular, é típico o caso da Itália, um dos poucos países europeus que registram aumento de consumo no período posterior à guerra, em relação ao período de antes da guerra. A partir de 1949, vem o Brasil contribuindo cada vez menos para esse consumo em alta. No referido ano, o nosso País forneceu 61,11% do café ali consumido; em 1951, baixava esta participação para 45,9% e, em 1953, para 41%. Queda vertiginosa (de 20%) em apenas um quinquênio!

Outras nações estão conquistando esse terreno perdido pelo Brasil. A Indonésia, que em 1949 vendeu apenas 366 sacas de café à Itália, ocupa hoje o segundo posto (depois do Brasil), tendo exportado 128.900 sacas para a península, em 1953. A África Equatorial Britânica, que em 1947 não constava nas estatísticas, em 1951 já figurava com 7% das vendas e, em 1953, com 11,6% do total de café importado pela Itália. O mesmo ocorre com



PERIGO

O café está passando das nossas para as mãos dos outros

outros países africanos e asiáticos, que aumentam gradativamente suas vendas para o excelente mercado, enquanto o Brasil vai sendo expulso dali, embora ainda hoje possa considerar como boa a sua posição. Boa, mas piorando sempre, se atentarmos para o fato de que, no passado, éramos os fornecedores quase exclusivos de café à Itália.

O que estamos fazendo para retomar este lugar? Nada — é a resposta inacreditável e, contudo, verdadeira.

CASO PERIGOSO: FEDECAME

Não insistiremos no relato de outros "casos" semelhantes ao da Itália, a fim de que nos sobra espaço para apontar

outro, de tipo diferente e, por certo, mais perigoso para a futura posição mundial do café brasileiro. É o caso da "Fedecame" (Federación Cafetalera Centro América-México-El Caribe), entidade criada em 1945 e constituída por "homens do café" (com "bons olhos" dos governos) do México, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Cuba, Haiti e República Dominicana.

maior, o Brasil, com 14,5 a 15 milhões de sacos. E, por ser a maior, é justamente a mais visada pela oposição...

CASO EXPLOSIVO: FEDECAME & COLOMBIA

Quanto à África, parece não representar o grande concorrente, o mais temível. Já o agrônomo Ray Miller Paiva, da Subdivisão de Economia Rural da Se-



FEDECAME

Mutirão de produtores querendo nos varrer dos mercados cafeeiros

Os objetivos confessados da "Fedecame" são os de estudo e encaminhamento dos problemas cafeeiros comuns ou particulares dos Estados federados, propõe-se também promover a divulgação de métodos de cultivo e beneficiamento, para o desenvolvimento da respectiva cafeicultura. Objetivos "confessados", dissemos, pois as suas atitudes são as de quem visa algo mais...

Na verdade, o que ocorre é a formação de um poderoso bloco produtor para, organizado em cartel, pesar como força de comando no mundo cafeeiro. Para isso, conta desde já a "Fedecame" com uma exportação aproximada de 4,5 milhões de sacos — quase alcançando o equilíbrio com a Colômbia (5 milhões) e a África (5,5 milhões). Resta a força

cretaria de Agricultura de São Paulo, tendo viajado por lá, publicou um livro no qual não agasalha a tese de Africabicho papão. De fato, as grandes inversões de capitais ingleses, franceses, portugueses e em suas colônias — e até americanos — têm elevado o nível de produção, com base em organização administrativa das empresas, investigações científicas e assistência social aos trabalhadores. Mas as terras estão muito longe do ideal em matéria de "qualidade para café", as secas são frequentes, as pragas e doenças não dão folga, algumas de grande poder devastador. Tudo isso, embora não impeça o aumento de produção, não permite, contudo, a melhoria de qualidade a um ponto capaz de influir nos preços internacionais.